

I

Na última noite do Carnaval, que foi justamente aos 8 dias do mês de fevereiro, do corrente ano¹, pelas 9 horas e meia da noite entrava no Teatro de S. João, desta heroica e muito nobre e sempre leal cidade, um dominó de cetim.

Dera ele os dois primeiros passos no pavimento da plateia, quando um outro dominó de veludo preto veio colocar-se-lhe frente a frente, numa contemplação imóvel.

O primeiro demorou-se um pouco a medir as alturas do seu admirador, e virou-lhe as costas com indiferença natural.

¹ Escrito em 1853.

O segundo, momentos depois, aparecia ao lado do primeiro, com a mesma atenção, com a mesma penetração de vista.

Desta vez o dominó-cetim aventurou uma pergunta naquele desgracioso falsete, que todos nós conhecemos:

— Não quer mais do que isso?

— Do *qu'isso!*... — respondeu uma máscara que passava por casualidade, esganiçando-se numa risada que raspava o tímpano. — *Olha do qu'isso!*... Já vejo que és pulha!...

E retirou-se repetindo — *do qu'isso... do qu'isso...*

Mas o dominó-cetim não sofreu, ao que parecia, a menor contrariedade com este charivari. E o dominó-veludo nem sequer acompanhou com os olhos o imprudente que viera embaraçar-lhe uma resposta digna da pergunta, fosse ela qual fosse.

O *cetim* (fique assim conhecido para evitarmos palavras e tempo, que é um preciosíssimo cabedal), o *cetim*, desta vez, encarou com mais alguma reflexão o *veludo*. Conjeturou suposições fugitivas, que se destruíam mutuamente. O *veludo* era forçosamente uma mulher. A pequenez do corpo, cuja flexibilidade o dominó não encobria; a delicadeza da mão, que pro-

testava contra o ardil mentiroso de uma luva larga; a ponta de verniz, que um descuido, no lançar do pé, denunciara debaixo da fímbria do veludo, este complexo de atributos, quase nunca reunidos em um homem, captaram as sérias atenções do outro, que, incontestavelmente, era um homem.

— Quem quer que sejas — disse o *cetim* —, não te gabo o gosto! Tomara eu saber o que vês em mim, que tanta impressão te faz!

— Nada — respondeu o veludo.

— Então, deixa-me, ou diz-me alguma coisa, ainda que seja uma sensaboria, mais eloquente que o teu silêncio.

— Não te quero embrutecer. Sei que tens muito espírito, e seria um crime de lesa-Carnaval se te dissesse alguma dessas graças salobras, capazes de fazer calar para todo o sempre um Demóstenes de dominó.

O *cetim* mudou de opinião a respeito do seu perseguidor. E não admira que o recebesse com rudeza no princípio, porque, em Portugal, um dominó em corpo de mulher, que passeia «sozinha» num teatro, permite umas suspeitas que não abonam as virtudes do dominó, nem lisonjeiam a vaidade de quem lhe recebe o conhecimento. Mas a mulher em quem recai seme-

lhante hipótese não conhece Demóstenes, nem diz *leso-Carnaval*, nem aguça a frase com o adjetivo *salobras*.

O *cetim* arrependeu-se da aspereza com que recebera os atenciosos olhares daquela incógnita, que principiava a fazer-se valer como tudo aquilo que apenas se conhece por uma face boa. O *cetim* juraria, pelo menos, que aquela mulher não era estúpida. E, seja dito sem tenção ofensiva, já não era insignificante a descoberta, porque é mais fácil descobrir um mundo novo que uma mulher ilustrada. É mais fácil ser Cristóvão Colombo que Émile de Girardin.

O *cetim*, ouvida a resposta do *veludo*, ofereceu-lhe o braço, e gostou da boa vontade com que lhe foi recebido.

— Conheço — diz ele — que o teu contacto me espiritualiza, belo dominó...

— *Belo*, me chamas tu!... É realmente uma levianidade que te não faz honra!... Se eu levantasse esta sanefa de seda, que me faz bonita, ficavas como aquele poeta espanhol que soltou uma exclamação de terror na presença de um nariz... que nariz não seria, santo Deus!... Não sabes essa história?

— Não, meu anjo!

Meu anjo!... que graça! Pois eu ta conto. Como o poeta se chama não sei, nem importa. Imagina tu que és um poeta, fantástico como Lamartine, vulcânico como Byron, sonhador como Macpherson e voluptuoso como Voltaire aos 60 anos. Imagina que o tédio desta vida chilra que se vive no Porto te obrigou a deixar no teu quarto a pitonissa descabelada das tuas inspirações, e vieste por aqui dentro a procurar um passatempo nestes passatempos alvares de um baile de Carnaval. Imagina que encontravas uma mulher extraordinária de espírito, um anjo de eloquência, um demónio de epigrama, enfim, uma destas criações miraculosas que fazem rebentar uma chama improvisa no coração mais de gelo, e de lama, e de toucinho sem nervo. Ris? Achas nova a expressão, não é assim? Um coração de toucinho parece-te uma ofensa ao bom senso anatómico, não é verdade? Pois, meu caro dominó, há corações de toucinho estreme. São os corações, que ressumam óleo em certas caras estúpidas... por exemplo... olha este homem redondo, que aqui está, com as pálpebras em quatro refegos, com os olhos vermelhos como os de um coelho morto, com o queixo inferior pendente, e o lábio escarlate e vidrado como o bordo de uma pingadeira, orvalhada